



CIEA7 #7:

MODERNIDADES, MARGINALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E AFIRMAÇÃO DOS JOVENS EM CABO VERDE E GUINÉ-BISSAU.

Redy Wilson Lima[©]

redywilson@hotmail.com

Thugs:

Vítimas e/ou Agentes da Violência?

A Cidade da Praia deparou-se nos últimos anos com ondas preocupantes de violência juvenil urbana, por suposta culpa de uma nova figura social emergente – os thugs. O seu surgimento como um movimento associativo juvenil relacionado a actos delinquentes, enquadrado num contexto social desigual, visa buscar estratégias de afirmação pessoal e social. Não obstante as várias tentativas político-constitucional em os controlar, as bruscas mudanças verificadas nas últimas décadas, numa sociedade com marcas históricas de situações violentas, desencadearam comportamentos de reivindicação juvenil, influenciados por valores reproduzidos de outros contextos, constituindo-os como uma tribo urbana violenta, sem nada a perder. Esta comunicação propende compreender em que medida esses jovens agruparam-se como um movimento capaz de fazer tremer os alicerces sociais instituídos, partindo dos possíveis desencadeadores da violência por eles propagados..

Jovens, Associativismo juvenil, Violência juvenil.

[©] CEPEA, Universidade de Santiago.

INTRODUÇÃO

Em 2006 no âmbito de uma investigação etnográfica sobre as crianças em situação de rua, deparamos com um fenómeno em processo de institucionalização que alterou por completo o modo de vida dos praienses e a forma como lidam com a segurança urbana.

Na necessidade de fazer uma melhor leitura sobre a realidade das crianças que passam a maior parte do tempo na rua e tentando fugir aos chavões importados de realidades sociais outras, para melhor explicar realidades contextualizadas num tempo e num espaço específico, criamos uma tipologia onde identificou-se cinco tipos de situações¹ em que as crianças se encontravam relativamente à distância familiar e ao controlo. Perante isso, despertou-nos a atenção um grupo específico que em relação à família encontrava-se a uma distância relativa, dado que, estavam inseridos numa unidade familiar apesar de passarem a maior parte do tempo incrustados nas imediações dos bairros onde residem, controlados pelos grupos de pares, cometendo actos considerados desviantes.

Os relatos sobre acções de grupos de jovens delinquentes não são uma novidade na Cidade da Praia, visto que nos anos 80 do século XX já existiam grupos de jovens conhecidos como “piratinhas” que praticavam pequenos delitos. Posteriormente, no início dos anos 90 jovens residentes na linha Achada Grande Frente/Lém Ferreira criaram um grupo denominado “netinhos de vovó”² que actuavam, entre outros locais, nas imediações do Parque 5 de Julho, principalmente quando decorriam eventos culturais. O surgimento de jovens auto-proclamados *thugs* traz à baila uma redefinição do fenómeno da violência juvenil, tornando, desta feita, a violência urbana num problema social em meados dos anos 2000.

Este termo importado dos *ghettos* norte-americanos é apropriado pelos jovens desafiados, numa perspectiva de valorização do que é estrangeiro, como é habitual, na busca de uma afirmação pessoal e social, não se preocupando, por um lado, com o significado pejorativo que está subjacente a ele e por outro lado, deturpando a carga filosófico-política de reivindicação político-social que antecedeu o movimento *Thug Life* criado pelo *rapper* norte-americano Tupac Shakur.

¹ Auxiliares nos mercados informais de rua – filhos das rabidantes; abertos à institucionalização da delinquência - crianças desprotegidas nos bairros de origem; institucionalização da delinquência – crianças associadas a grupos delinquentes: thugs; institucionalização da rua como meio de vida sem ruptura – trabalhadores infantis; e profissão rua – crianças trabalhadoras autónomas: “crianças de rua”.

² Esta denominação é explicada segundo duas versões diferentes, uma relacionando-os ao estilo rude boy jamaicano patente no grupo reggae com o mesmo nome surgido nos anos 90 na Cidade da Praia. A outra refere a uma determinada idosa que mantinha uma relação maternal com esses jovens a quem chamavam de vovó e para a qual “trabalhavam”.

Sendo assim, iremos ao longo desta comunicação buscar compreender as razões de fundo do problema, caracterizando os seus intervenientes, apresentando possíveis desencadeadores do fenómeno, encarando-os como uma tribo urbana com características de uma associação juvenil.

DESIGUALDADE SOCIAL, POBREZA URBANA E JOVENS

Segundo o Documento de Estratégia de Crescimento e de Redução da Pobreza (2004), a segunda metade dos anos 90 foi marcada por um elevado ritmo de crescimento económico, cerca de 8,4% de média anual, mas, não obstante esta situação, a pobreza continuou a afectar mais de um terço da população do país. A nível da desigualdade social, o relatório de 2004 sobre os objectivos do milénio para o desenvolvimento de Cabo Verde mostra um país desigual, principalmente quando comparado com outros países com o mesmo nível de rendimento³, uma vez que o Índice de Gini⁴ aumentou de 0,43 em 1989 para 0.59 em 2002.

Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (2002), 37% dos cabo-verdianos vivem abaixo do limiar da pobreza e desses, 20% residem na Cidade da Praia, transformando a pobreza num fenómeno urbano, fruto do êxodo rural e migrações inter-ilhas que se verificou com maior intensidade a partir dos anos 90. A nível populacional, o DECRP II (2008) baseando nos dados do INE de 2008, aponta para 499.796 o número dos indivíduos a residir nas ilhas, sendo que desses, metade reside na Ilha de Santiago e cerca de um quarto desse total na Cidade da Praia. É de salientar que 60% desses indivíduos têm idade inferior a 25 anos.

A juventude é um dos segmentos da população mais prejudicados pelo desemprego, visto que, segundo os dados do INE de 2005 (DECRP 2008), afecta em 48% a faixa etária dos 15 a 24 anos, correspondendo a 38% da população economicamente activa. Isto poderá explicar porque é que a população pobre é muito jovem, tendo em conta que, cerca de 49% dos pobres têm menos de 15 anos e 30% dos agregados familiares chefiados por indivíduos na faixa etária entre os 15 a 24 anos são pobres (INE, 2002). A proporção dos jovens na população muito pobre é superior à dos jovens na população pobre e na população total.

³ O índice médio dos 55 países pertencentes ao grupo dos países de desenvolvimento médio referido no relatório do PNUD (2003) e exposto no DECRP (2004) é de 0,43 o que mostra de uma forma clara o forte agravamento das desigualdades em Cabo Verde.

⁴ O Índice de Gini indica o grau de desigualdade na distribuição dos rendimentos (ou do consumo) no seio duma população. Vai de 0 a 1 e tende para 1 quando as distribuições são muito desiguais e para 0 quando são menos.

A QUESTÃO DA JUVENTUDE CABO-VERDIANA

Em Cabo Verde, a juventude foi, desde os primeiros tempos da preparação para a ruptura com o Portugal colonial, considerada o pilar essencial sobre o qual se iria construir o Estado-nação, lembrando a célebre frase de Amílcar Cabral “as crianças são a razão da nossa revolução”. Se antes da independência nacional, a Igreja – principalmente a Católica – soube, com alguma destreza, conter os jovens, após a independência do país, com a afirmação do Estado-nação e com o intuito de se fortalecer os laços de identidade nacional, criou-se organizações políticas juvenis tais como a OPAD-CV⁵ e a JAAC-CV⁶ que em cooperação com a Escola os controlavam. O jovem, para além da esfera familiar, frequentava um conjunto de espaços religiosos (catequese, reuniões de jovens, eucaristias) e políticos, espaços esses portadores de atitudes e valores ético-morais que pese embora de cunho religioso e político forneciam-lhe vínculos sociais.

Institucionalmente, desde muito cedo criou-se políticas para esse segmento da população – principalmente no sector educativo. Contudo, como lembra Pais (2005), as políticas da juventude tendem a estandardizar as transições dos jovens para a vida adulta – definindo escolaridades mínimas, circuitos escolares, formação profissional, políticas de emprego – mas os jovens tendem a autonomizar as suas vidas através de buscas autónomas de trajectórias que nem sempre se encaixam nas políticas prescritas.

Filipe Martins (2009 e 2010) constatou em Cabo Verde a existência de contradições entre o discurso sobre os jovens, por parte dos profissionais que trabalham com esse segmento da população e o discurso dos próprios jovens, no que toca às oportunidades (de educação e formação, de emprego ou de criação de um negócio, de obtenção de uma habitação própria, de criação de uma família, de expressão e de desenvolvimento individual e colectivo) para os jovens na sociedade cabo-verdiana contemporânea. Na verdade, estas contradições são o resultado das discrepâncias entre os padrões estandardizantes de planificação por parte das instâncias controladoras e as trajectórias desestandardizadas dos jovens (Pais: 2005).

Desde muito cedo, as instituições que tutelam a camada juvenil buscaram tratar os jovens a partir de uma visão lockeana, como não agentes, tomando-os apenas como um “vir a ser” (Dayrell, 2003), visto que, a prerrogativa foi posta na sua condição de transitoriedade, encarando somente a sua negatividade. Os jovens por

⁵ Organização dos Pioneiros do Abel Djassi – Cabo Verde.

⁶ Juventude Africana Amílcar Cabral – Cabo Verde.

seu turno tendem a incorporar a visão romântica da juventude como uma fase de liberdade e de experimentações.

Para Bourdieu (2003), a juventude é uma categoria manipulada e manipulável, visto que ao se falar dos jovens como uma unidade social dotada de interesses comuns e com interesses homogêneos a uma faixa etária, está-se a manipular uma realidade. Ao se fazer isso, incorre-se no erro de ignorarmos o facto de apesar de se identificarem com outros na mesma faixa etária, identificam-se a si mesmos também como pertencentes a classes sociais, a grupos ideológicos ou a grupos profissionais diferentes. Desta feita, tomamos esta categoria como um conjunto heterogêneo buscando argumentos na perspectiva classista da juventude, isto porque, falamos de um segmento da população com culturas diferentes provenientes das suas diferentes pertenças grupais, incorporando *habitus*⁷ diferenciados.

Normalmente, os pensadores das políticas públicas não têm essa visão e tomam-nos como grupos homogêneos, acabando por impor a sua visão na elaboração e execução das políticas para os jovens. Estas políticas acabam por criar aquilo que Pais (2005) chama de “lógicas de linearidades que nem sempre se ajustam às trajetórias não-lineares dos seus cursos de vida”. Na perspectiva de Pais (2005), a contemporaneidade é um terreno labiríntico que se furta à planificação, levando os jovens a se envolverem em trajetórias ioiôs⁸. Sendo eles sujeitos, portadores e movidos por desejos, portanto activos, com uma história e ocupando um determinado lugar social, de onde interpretam o mundo e dão-lhe sentido, a estandardização de políticas pode trazer alguns efeitos perversos, e os poderá levar a agir em desacordo, muitas vezes não vendo meios para atingirem os fins.

A juventude como questão social em Cabo Verde é recente. Ao analisarmos as práticas institucionais, os discursos políticos e intelectuais, não obstante a sua ênfase, constata-se que os jovens são tidos como uma facção que deve ser contida e educada, quer recorrendo às instâncias religiosas e políticas quer às medidas severas. A abertura democrática em 91 deu-lhes um novo lugar social, um lugar de reivindicação, e logo em 92 insurgindo-se contra às políticas educativas do então governo, os estudantes do Liceu Domingos Ramos e da Escola Secundária da Achada Santo António reagiram de forma organizada, estancando as actividades

⁷ Entendida como um sistema de disposições duráveis e intransponíveis, ou seja, formas de sentir, pensar, perceber e agir de uma certa maneira, interiorizadas e incorporadas pelos indivíduos, em função das condições de vida e das trajetórias sociais e pessoais.

⁸ Geração ioiô como os chama Pais, é um conceito que tem vindo a ser trabalhado pela sociologia da juventude, que designa a nova cultura juvenil contemporânea num mundo marcado por rápidas transformações, levando os jovens a sentirem a sua vida delimitada a crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, ou seja, a movimentos autênticos de vaivém.

educativas durante todo o dia, numa clara demonstração de força. Nos anos seguintes, as reivindicações dos estudantes tornaram-se constantes e mais violentas, fazendo com que a Polícia de Intervenção Rápida (vulgarmente designada de Polícia de Choque) saísse à rua tentando controlá-los. No ano 2000 os protestos estudantis voltaram, desta vez contra as provas de acesso ao ensino superior. Aliás, pode considerar-se os anos 90 como a década de libertação juvenil e da consolidação da visão da camada juvenil como sendo uma categoria social problemática⁹. Por outro lado, foi a década do reforço das políticas públicas para esse segmento.

Se é verdade que nos últimos anos, fruto das políticas sectoriais desde a independência e a democratização do ensino nos anos 90, houve um acréscimo de oportunidades de realização dos jovens a vários níveis, também é verdade que a pressão demográfica destes, o frágil sistema económico, educativo e de protecção social do país ainda não são capazes de responder às aspirações juvenis de obtenção de um emprego estável, de uma habitação própria e de estabelecimento de uma família (Martins, 2010). Esta situação faz com que a maioria dos jovens cabo-verdianos se encontre numa situação sentimental que varia entre aspirações e frustrações. A aspiração em ter uma mobilidade ascendente através do capital cultural adquirido via sistema educativo e a frustração devido à dificuldade de acesso a um mercado de trabalho cada vez mais segmentado, controlado, muitas vezes, por uma rede de compadrio e de militância política.

Os episódios de violência juvenil na Cidade da Praia podem ser entendidos como uma nova forma de reivindicação social por parte de uma camada da população sedenta por um lugar ao sol, numa sociedade desigual onde o acesso aos recursos são limitados e controlados por uma minoria com objectivos de conservar o seu poder social e simbólico.

Por tudo isso, é por demais evidente que os jovens são, actualmente, o foco privilegiado das preocupações sociais no país.

PERIFERIZAÇÃO URBANA, ESTIGMA SOCIAL, CULTURA DE VIOLÊNCIA E DESCOLECTIVIZAÇÃO SOCIAL DESPLANIFICADA

Falar dos grupos *thugs* é falar de um segmento da população acantonado na periferia emergente ou em bairros onde se notam descontinuidades nos padrões de

⁹ Os comportamentos desviantes dos jovens nomeadamente o uso das drogas e do álcool banalizaram-se nos anos 90, levando o Parlamento a aprovar uma lei que proibisse a venda de bebidas alcoólicas e a presença em estabelecimentos de diversão nocturna a indivíduos com menos de 18 anos de idade.

ocupação espacial¹⁰, resultantes do processo de urbanização acelerado e desordenado que assolou a capital do país, em maior escala nos anos 90 do século XX.

Ao contrário da ideia trazida à sociologia pela Escola de Chicago na primeira metade do século XX, onde a cidade nos é apresentada como sendo um centro cercado pelos bairros periféricos, hoje, nas cidades contemporâneas – Cidade da Praia inclusive – existem vários centros, tendo cada um as suas periferias, onde a vida acontece a partir da circulação periferias/centros. O trabalho de campo mostra-nos uma relação de dependência centros/periferias/centros, visto que, os principais centros da cidade dependem em grande parte da mão-de-obra periférica e vice-versa. Esta realidade, aliada às orientações políticas de reurbanização da cidade, traz-nos à tona a reprodução da realidade sobrado/funco descrita por Gabriel Mariano (1991), em que temos os sobrados/bairros centrais enquanto espaços identitários e de reprodução das classes dominantes e os funcos/bairros periféricos enquanto espaços identitários e de reprodução das classes dominadas. A projecção da cidade capital arquitectada para o futuro reforça essa ideia¹¹.

Os residentes desses bairros periféricos (subúrbios), nomeadamente os jovens, encontram-se desafiados ou em processo de desafiliação, expostos a uma série de situações discriminatórias em parte, por habitarem esses bairros – bairros estigmatizados e criminalizados. Tomo aqui o conceito casteliano de desafiliação (2006) para designar um conjunto de indivíduos separados de seus atributos colectivos, entregues a si próprios, e que acumulam a maioria das desvantagens sociais: pobreza, falta de emprego, sociabilidade restrita, condições precárias de moradia, grande exposição a todos os riscos da existência, etc. Em síntese, entregues à condição de vulnerabilidade – económica e social.

Ao utilizarmos a categoria de desafiliação proposta por Castel (2006), não estamos a afirmar que esses jovens estão completamente desligados do social, uma vez que, embora estejam num processo de descolectivização com uma parte do social, formam novos grupos sociais, ou seja, rapidamente buscam estratégias de sobrevivência no bairro, juntamente com outros jovens na mesma situação social, entrando num processo de recolectivização à margem das convenções sociais.

¹⁰ A sociologia urbana tende a caracterizar as cidades a partir do modelo de expansão urbana onde a população popular é posta na periferia, mas, no caso praiense, reparamos que não existe uma segregação urbana nitidamente marcada e não há uma evidente separação física entre os segmentos sociais. Nota-se, em um mesmo bairro, espaços que abrigam extremos de pobreza e riqueza, onde se concentra uma enorme diversidade de modos de vida, discursos e práticas.

¹¹ Tem-se promovido um crescimento habitacional baseado em *resorts* e nichos habitacionais para a classe média-alta e alta, criando uma espécie de guetização dos mesmos.

A teoria da rotulagem desenvolvida pelo interaccionismo simbólico nos anos 50 do século XX mostra-nos que quando um grupo se encontra numa situação de vulnerabilidade, facilmente os seus membros são caracterizados como grupos desviantes pela população em geral e pelos órgãos repressores em particular. Becker (1985) defende que os rótulos aplicados na criação de categorias de desvio expressam a estrutura do poder de determinada sociedade e chama a atenção para o perigo de categorizar determinados indivíduos de delinquentes pelo facto de pertencerem a um determinado grupo considerado perigoso, na medida em que, ao se fazer isso, está-se a contribuir para a sua própria realização.

Visitando a história das ilhas, Varela (no prelo) repara que a classe dominante fomentou desde sempre um discurso normativo e discriminatório, remetendo o tipo negro/mestiço (dominado) para a margem, imperando sobre ele violências físicas e simbólicas que incorriam desde os açoites e pena capital em pelourinhos, prisões e desterros, à imposição de padrões culturais exógenos nas escolas. Para esse investigador, estando sitiados nas margens, os desafiados de então, reconfigurados, procuravam sempre ripostar tentando estrangular o regime a partir das várias revoltas conhecidas na Ilha de Santiago. Finda a escravatura, o escravo violento, porque resistente, dá lugar ao negro/“mulato” rebelde remetendo-o à categoria residual de “badio”, carregando estigmas e conotações adversas, na justa medida em que busca formas e alternativas outras para a sua inserção social num mundo que o rejeita, produzindo-o inexistencialmente. Desta feita, a história cabo-verdiana é frutífera em passagens violentas desde o achamento até aos nossos dias.

Com a constituição do Estado-nação espelhando o modelo europeu, o poder concentrou-se nas mãos de uma certa elite burocrática, desterritorializando o monopólio dos meios de produção e o exercício do poder das mãos do colonialista e do morgado, criando as bases de um sistema de clientela que por sua vez, fez deslocalizar o antagonismo entre as classes (Varela, no prelo). Assim sendo, esse investigador pergunta, em relação ao fenómeno *thug*, até que ponto não estamos perante uma luta que não deixou de ser anti-subjugação e anti-marginalização nos morgadios, no cume das montanhas e nos funcos, para ser agora nas cidades entre aqueles que têm e aqueles que nada têm, uma vez que, uma análise diacrónica mostra-nos que ao se negar a liberdade e a cidadania a uma boa parte dos cabo-verdianos, estes criaram novas formas de resistir.

Esses jovens convivem com todos os níveis de violência o que torna fácil a sua utilização, principalmente quando se encontram em situações adversas e o uso da violência surge como reacção. Ela aparece na família – violência doméstica, irresponsabilidade paternal e precariedade habitacional –, na rua contra grupos rivais

e, ultimamente, contra a polícia – Piquete, Brigada Anti-Crime (BAC) e Polícia Militar. Não é estranho afirmar que a violência entra no processo de socialização. Desde muito cedo, o cabo-verdiano é ensinado a não levar “desaforo” para casa, chegando mesmo a levar “porrada” porque fugiu a uma briga.

A socialização da violência levou Fernandes (2008) a afirmar que em Cabo Verde, e de forma particularmente grave na cidade da Praia, os modelos de interação revelam-se pontuados pela violência, condicionando a vida em sociedade e criando condições para o alastramento de delitos. Essa predisposição conjugada com o descontrolo de armas de fogo no país torna a situação explosiva e preocupante.

Se antes da independência do país, a Igreja tinha o papel de civilizar e controlar a população autóctone, sobretudo os jovens, com a declaração da independência nacional a reorganização dos jovens teria de passar por outros moldes inspirados nas mocidades socialistas/comunistas soviéticas/cubanas. É de salientar que nessa segunda fase, a figura das milícias e dos tribunais populares afugentavam qualquer tentativa de sublevação juvenil nos bairros, por mais descontentes que estes estivessem.

No início dos anos 90, com a democratização do país, procedeu-se a uma descolectivização social e as organizações juvenis supracitadas, marcas do passado comunista, tiveram de ser reestruturadas¹² e foram criadas no seu lugar organizações juvenis tidas como democráticas e impulsoras do livre arbítrio dos jovens¹³. Na prática, por falta de planificação contemporizada, inconscientemente, criou-se um certo vazio institucional, vazio esse não preenchido pela família e/ou pela vigilância comunitária.

Essa descolectivização social acelerada e não planificada abrigou os jovens a partirem em busca novas referências – nem Deus nem Cabral¹⁴ – e superar o estado anómico com o reinventar de novas formas de sociabilidade juvenil – formal ou informal.

A INFLUÊNCIA DOS REPATRIADOS E DO *GANGSTA RAP* NA ORGANIZAÇÃO DAS TRIBOS URBANAS

Do quadro social acima descrito, os grupos de pares surgiram como agentes reprodutores de referência e os valores do *gangsta rap*¹⁵ são, rapidamente,

¹² A OPAD-CV transformou-se numa ONG com o mesmo nome e a JAAC-CV foi extinta.

¹³ Criou-se por exemplo os Centros da Juventude.

¹⁴ Amílcar Cabral – considerado o pai da nacionalidade cabo-verdiana.

¹⁵ É um subgénero do *rap* que tem como característica a descrição do dia-a-dia violento dos jovens negros desafiados das grandes cidades norte-americanas.

importados e incorporados no quotidiano juvenil urbano desafiliado. Poder-se-á dizer que se por um lado, *rappers* como Tupac, 50 Cent, DMX ou Notorius BIG tornaram-se referências desses jovens¹⁶, alguns filmes brasileiros e norte-americanos e os jovens repatriados dos Estados Unidos da América, por outro lado, serviram igualmente de referência, na medida em que, reproduziram o imaginário *gangsta*. Num primeiro momento, só era considerado *thug* quem privava com grupos de repatriados, embora ainda essa palavra não tivesse ganho o peso e a visibilidade social que recebe hoje. Os primeiros grupos *thugs* surgidos na segunda metade dos anos 90 eram formados por repatriados dos Estados Unidos da América, mas as suas acções eram discretas e ligados, grande parte, ao narcotráfico. Só nos anos 2000, jovens cabo-verdianos agrupados e propensos a cometer actos criminosos começaram a usar o termo, muitas vezes liderados por um repatriado.

A contemporaneidade trouxe um maior dinamismo e importância aos grupos de pares de jovens, uma vez que, esses passam a substituir a família e a vigilância comunitária e se constituem como uma fonte de socialização menos repressiva. Estando as sociedades urbanas contemporâneas individualizadas, onde as relações sociais estão expostas a competições, como forma de sobrevivência, os jovens tendem a reagrupar-se utilizando estratégias que se assemelham às tribos seculares, reagindo assim ao isolamento imposto por elas.

As tribos urbanas podem ser definidas como agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente por pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos de cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazeres típicos de um espaço-tempo (Maffesoli citado por Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003). É definida também como uma sociabilidade frouxa mas intensa, pela lógica do não-compromisso com a continuidade na linha do tempo expressando a valorização do aqui-agora (Coutinho citado por Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003). São comunidades organizadas em torno do partilha de gostos, formas de lazer e vínculos comunitários que persistem enquanto se mantém o interesse pela actividade. Os grupos *thugs* apresentam estas características e tal como as outras tribos urbanas vivem o momento. Cada situação apresenta uma estabilidade vivencial intensa que muitas vezes não deixa rastros para as experiências seguintes. A violência é vivida dessa forma.

¹⁶ Convém realçar que ao contrário do que aconteceu noutros países, em que o movimento *hip hop* deslocou-se da periferia para o centro, em Cabo Verde, no final dos anos 80, foram os jovens pertencentes a classes dominantes quem introduziram esse estilo musical e forma de estar na sociedade resultante do contacto com outras realidades – principalmente a norte-americana – que visitavam nas férias de verão. Inicialmente, os jovens seguidores da cultura *hip hop* eram conhecidos por *dreads* e ao longo dos tempos os nomes foram variando, passando pelo *yo* e chegando agora a *thug*.

Os jovens ao associarem-se a grupos de delinquentes adoptam estilos incorporando três elementos¹⁷ (Brake citado por Xiberras, 1993) que acrescentadas às especificidades das tribos urbanas na busca da identidade grupal, reproduzem uma informação social de *thug*. Verificou-se que há um interesse numa auto-apresentação performativa, visto que todos os grupos *thugs* observados possuem pelo menos um *rapper* e a música *rap* funciona como um dos elos de ligação entre eles; existe um cuidado com a auto-imagem – calças e *t-shirts* largas, fios e brincos volumosos, lenços e/ou bonés postos de lado, tatuagens, etc.; nota-se uma preocupação com o porte, uma vez que o corpo é utilizado como um lugar de identidade, de expressão e causador de medo; o uso frequente de calção usado nos *ghettos* norte-americanos e/ou a criouliização de expressões inglesas tais como *kasu bodi*¹⁸ ou *kasubodista*¹⁹; e a adopção de condutas de agressão e destruição com efeitos dramáticos sobre si mesmos e sobre a sociedade.

Marcam a sua especificidade pela ocupação e domínio de um certo recorte do espaço urbano – praças, escadas, ruas, entrada das casas, esquinas²⁰, etc. – aonde escrevem as suas marcas através de *graffittis*²¹ e/ou *tags*²².

CULTURA DE RUA: *HABITUS* INCORPORADO E CARREIRA DELINQUENTE

A cultura de rua interiorizada resume-se naquilo que Bourgois (2001) identifica como sendo um conjunto de redes, símbolos e crenças complexas e conflituosas, de modos de interacção específicos e de valores e ideologias emergentes em oposição à exclusão promovida pela classe dominante. Ela funciona como um fórum alternativo onde se pode afirmar a dignidade pessoal autónoma.

Sentindo-se não integrados numa sociedade que os rejeita e que se protege deles, esses jovens desenvolvem uma cultura de resistência caracterizada por diversas práticas de revolta que com o passar dos tempos consolida-se num estilo de vida marcado pela oposição, seguindo assim, uma vida exclusivamente delinvente. Ou melhor, optam por uma carreira delinvente²³ que se processa através da manutenção, durante um longo período de tempo, de uma forma determinada de

¹⁷ A imagem, o porte e o uso do calção.

¹⁸ O termo *kasu bodi* popularizado pela sociedade cabo-verdiana significa roubar e advém do slogan de assalto utilizado pelos assaltantes norte-americanos *your cash or your body*.

¹⁹ Referindo ao praticante do *kasu bodi*.

²⁰ Sítios onde os jovens se encontram e passam a maior parte do tempos. Onde se contam as conquistas, as peripécias da vida, os assaltos, as desavenças e onde se aprende ser *thug*.

²¹ Usado pelos *gangs* para marcar território.

²² Usados como etiqueta dos *gangs*. Uma espécie de marca registada.

²³ A carreira delinvente começa a partir do momento em que um determinado indivíduo comete uma transgressão de forma intencional, ou seja, quando realiza um acto não conformista que quebra uma regra ou um conjunto de regras.

delinquência – de revolta – fazendo dela o seu modo de vida. Com o tempo, apesar deste estilo de vida produzir uma busca de dignidade humana, uma vez que traz respeito²⁴ na e à comunidade, e serve como estratégia de rejeição da condição de subjugação em que se encontram, acaba por funcionar também, como um agente activo da degradação pessoal e comunitária.

Convém salientar que são as desigualdades sociais que geram pressões e desvantagens susceptíveis de conduzirem a esse modo de vida, na medida em que segundo Fillieule (2001), quanto maior forem as oportunidades legais para se chegar a um determinado fim, menor serão as tendências para se escolher actividades delinquentes e quanto maior forem as oportunidades criminais maior se tenderá a optar por esta actividade.

Ao interiorizarem esta subcultura, activam o *habitus* de rua que acaba por estruturar os seus comportamentos, experiências, conhecimentos e visões do mundo. Incorporam dos outros o não reconhecimento dos valores dominantes, acabando por eleger os representantes do grupo dominante e seus patrimónios como inimigos.

É peremptório a aversão à polícia e aos políticos. Ao perguntarmos sobre a polícia, as respostas são unânimes: não confio nem gosto. O curioso é que apesar de não gostarem da polícia reconhecem que estes não fazem senão o seu trabalho. O descontentamento verificado deve-se ao facto de se sentirem constantemente perseguidos e abusados por estes devido ao estigma que carregam. Relatos de abuso policial dentro das esquadras – sendo as esquadras das Achadas Santo António e Eugénio Lima os mais temidos – são constantes, o que põe em xeque-mate o tão propalado respeito pelos direitos humanos. Contam que ao chegarem às esquadras, depois de interpelados nas ruas, são amarrados uns aos outros, regados com mangueira e espancados horas sem conta. Depois de libertados sem acusação formal, são deixados em bairros onde se sabe existir conflitos com grupos locais.

Em relação aos políticos a resposta é similar. Não confiam porque se sentem enganados, usados nas campanhas políticas e retorquem que estes não fizeram nada para os jovens. Consideram-nos corruptos, instrumentados pela classe dominante, funcionando como agentes de reprodução das desigualdades e de injustiças sociais.

Verifica-se que os inimigos desses jovens são os mesmos dos poetas do *gangsta rap*. A polícia é representada como a força repressiva do sistema, os políticos como os culpados da situação actual e como não faz sentido falar da exploração racial

²⁴ Este respeito tem um duplo sentido: se por um lado aparece devido à admiração que alguns indivíduos do sexo feminino e crianças – que aspiram ser como eles - sentem por esta figura, por outro, deve-se ao medo que eles impõem na comunidade.

do branco sobre o negro em Cabo Verde²⁵, substituem-no pelos agentes providos de capital²⁶.

O grupo solidifica a carreira delinvente transformando esta que antes era individual numa agora colectiva, tendo a delinquência como o pilar da relação grupal juntamente com a convivialidade. Quanto mais sólido é o grupo, mais os interesses colectivos se sobrepõem aos interesses individuais, levando esses indivíduos, na maior parte das vezes a sacrificarem-se pelo grupo²⁷. É patente a capacidade de sacrifício para com o grupo, que funciona como uma escola do crime, principalmente aqueles melhor organizados, dado que, o delinvente apreende nesse seio estratégias de sobrevivência, formas de contornar as dificuldades do dia-a-dia e adquire um conjunto de sistemas de justificações²⁸ que o incitam a continuar, considerando o seu estilo de vida como melhor do que o dos agentes pertencentes à mesma realidade social.

Mais difícil também será sair desta vida, tendo em conta que, por um lado, incorporam e reproduzem o discurso dos membros dos *gangs* norte-americanos – vida, prisão ou morte – transmitindo a ideia de que não se importam com nada nem com ninguém, onde a droga e o álcool aparecem como analgésicos protectores de uma realidade imposta e encorajam a cometer actos carregados de violência. Por outro, o medo de carregar o estigma de traidor ou X9²⁹ e o conseqüente castigo³⁰.

²⁵ Não obstante isto, nalgumas letras do *rap made in Cabo Verde*, encontramos o termo racismo branco/negro.

²⁶ Utiliza-se o termo capital no seu sentido lato, uma vez que, devido às descontinuidades nos padrões de ocupação espacial, muitas vezes, o capital simbólico sobressai sobre o capital económico, confundindo assim os delinquentes.

²⁷ Estudos desenvolvidos nos Estados Unidos da América no seio dos grupos de pares mostram a conformidade dos jovens às regras e às pressões dos grupos, mesmo quando violam crenças e valores enraizados no convívio com a família (Lashbrook citado por Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003)

²⁸ Constata-se uma tendência em buscar justificações através das técnicas de neutralizações das normas convencionais (Sykes e Matza citado por Xiberras, 1993), isto porque, reconhecem os seus actos como errados e prejudiciais, mas necessários como reacção a uma situação social imposta. Para eles, o prejuízo social das suas acções funciona como uma represália, uma justa reposição das coisas. Estas técnicas são utilizadas como forma de suavizar os seus comportamentos.

²⁹ Expressão importada da realidade das favelas brasileiras que significa a pessoa que passa informação às forças judiciais, isto é, chibos. Nota-se que muitos jovens misturam expressões importadas do quotidiano dos bairros desafiados norte-americanos com as usadas nas favelas brasileiras. Neste último caso, as telenovelas brasileiras e os filmes sobre favelas brasileiras, funcionam como veículo de transmissão de modos de pensar e estar outros.

³⁰ Muitos jovens arrependem-se da escolha desse estilo de vida, mas o medo de represálias caso abandonem o grupo mantêm-nos como membros. Os que abdicam evitam a todo o custo o encontro com os antigos colegas, isto porque, são considerados inimigos e violentados. São várias as histórias de ajustes de contas de grupos thugs para com os desertores.

SER THUG NA CIDADE DA PRAIA

Para muitos, a ideia que se tem é que para se ser *thug* basta vestir roupas largas, meter uma arma de fogo nas calças, uma faca no bolso e ir gingando. Mas, na realidade, este estereótipo não é suficiente. Segundo alguns *thugs*, muitos não seguem nem conhecem o código³¹, mesmo porque não percebem o inglês e acreditam em qualquer coisa que o “mercano”³² lhes disser. Para estes, *thug* é saber sobreviver nas ruas, no meio das adversidades e não vangloriar o porte de armas ou as conquistas femininas, ou seja, ser *thug* não é moda é sobrevivência. É ser livre e poeta. A violência aparece só quando é necessária.

Constata-se que esses grupos comportam adolescentes e jovens com idade compreendida entre os 15 e os 25 anos aproximadamente, com elevada taxa de insucesso escolar³³, com pouca ou nenhuma vigilância familiar ou comunitária e propícios a práticas delinquentes. Os grupos costumam ter, normalmente, em média 14 elementos³⁴ e os critérios de hierarquização do grupo são a idade, a posse de armas de fogo, a agressividade, a bravura, a experiência delinquente e um cadastro policial.

Nota-se que possuir ou não armas e o tipo de arma possuído é um elemento importante para ser chefe ou para a subida de posto dentro do grupo. O elemento idade, apesar de importante e representativo de sabedoria, cai para segundo plano caso um indivíduo mais novo tiver uma arma de maior calibre ou maior capacidade de convencer os outros.

Os grupos ou os *thugs* mais temidos são aqueles que possuem um maior arsenal bélico. A hierarquia bélica desses grupos está dividida da seguinte forma:

³¹ O contrato é baseado na palavra, portanto, há que honrá-la; eliminar os X9's porque põem em causa a coesão do grupo; respeitar o grupo porque ele é tudo o que importa; roubar na zona e atacar membros da comunidade é ir contra o código; sequestrar crianças ou usá-las no tráfico é ir contra o código; vender drogas às grávidas é considerado infanticídio; não se pode traficar nas escolas; fazer segurança na comunidade, protegendo-a da polícia, que é vista como “pau mandado” das classes dominantes; identificar bem o inimigo para evitar danos colaterais; respeitar os mais velhos porque representam a sabedoria; disputas territoriais dentro dos bairros devem ser tratadas com profissionalismo e as desavenças deverão ser resolvidas fora da comunidade; evitar tiroteios em festas e outros espaços de convivialidade; o *thug* tem de ser esperto, tem de conhecer o código, respeitá-lo e deve proteger-se sempre, ou seja, andar armado.

³² Expressão utilizada para designar o indivíduo natural dos Estados Unidos da América ou o deportado. Na verdade, muitos repatriados nunca fizeram parte de qualquer *gang* norte-americano – alguns aspiraram fazer parte – e chegando cá, encontrando características propícias para implementação desses grupos acabaram por criar grupos vivendo o que nunca tiveram e enriquecendo o imaginário dos jovens praienses com histórias carregadas de heroísmos. Alguns repatriados *ex-thugs* nos *ghettos* norte-americanos referiram isso nas conversas informais.

³³ É de se referir que também se encontra elementos do grupo com o 3º Ciclo incompleto ou mesmo completo.

³⁴ Há relatos de guerras entre grupos rivais composto por mais de 50 elementos, mas o que realmente acontece é que, quando se luta contra bairros rivais, normalmente, os grupos locais se unem deixando cair as fronteiras grupais em prol da fronteira comunitária. Isto prova a forte pertença desses jovens à sua comunidade, por mais estigmatizada que ela esteja.

primeiro, as armas de fogo industriais tais como 6.35, 32, 38, revólver, walthers, etc. segundo, as armas artesanais onde se destaca o *boka bedju*, e por último as armas brancas tais como facas, machados, gás pimenta, tacos de basebol, etc.

Observou-se a existência de grupos compostos por crianças, que para o observador menos atento fazem parte da comunidade *thug*, mas que identificamos como sendo grupos *kasu bodi*, visto que ao contrário dos grupos *thugs* que tem como principal actividade o tráfico de drogas e a protecção territorial, esses grupos tem como actividade principal o roubo. Funcionam como academias juvenis onde serão recrutados futuros *thugs* conforme os *skills* apresentados e necessários ao grupo sénior. Normalmente, são grupos independentes dos grupos *thugs*, embora convivam no dia-a-dia com eles e são, muitas vezes, utilizados para determinadas tarefas³⁵. A maior aspiração dessas crianças é ganhar confiança e respeito dos *thugs* mais velhos ou serem convidados a associar aos seus grupos. No processo de iniciação dos *thugs*, os mais jovens recebem ordens para assaltar ou fazer qualquer outro tipo de delinquência como forma de provarem vir a ser um bom soldado.

Devido à excessiva cultura de arma de fogo no seio da comunidade em estudo, ao contrário do que se pensa³⁶, os ganhos com os roubos dos grupos *kasu bodi* são canalizados para a compra de armas como forma de serem aceites como *thugs* e/ou defenderem de grupos *thugs* de outros bairros. No entanto, devido ao estigma que carregam patenteada na forma de se vestirem e de estarem na sociedade, a população em geral rotula-os de *thugs*. O termo banalizou-se acabando por se descaracterizar, chegando a uma fase em que qualquer tipo de roubo é considerado *kasu bodi* e qualquer delinquente considerado *thug*.

THUGS E ASSOCIATIVISMO JUVENIL

Pode-se considerar estes grupos como sendo associações juvenis comunitárias não reconhecidas oficialmente, isto porque, constituem redes de indivíduos surgidos nos bairros desafiliados, com a particularidade de utilizarem a violência como forma de chamar a atenção e de buscar reconhecimento dos poderes públicos ou dos organismos não governamentais.

Contestar as condições de emergência das acções colectivas envolve a feitura de um inventário das políticas que permitem o seu surgimento, bem como as inúmeras

³⁵ A sua inimizabilidade penal trás vantagens aos elementos dos grupos.

³⁶ Existe o discurso político e intelectual de que o lucro das suas actividades é direccionado exclusivamente à compra de drogas. Tende-se a confundir o delinquente individual motivado pelo vício com o *thug*, fruto dos inputs deixados pelos poucos estudos realizados sobre a delinquência juvenil.

circunstâncias que terão fornecido o quadro das possibilidades para que tal acção ocorra (Fillieule e Péchu citados por Biza, 2009). Neste caso, encravados numa situação social adversa – económica, espacial, social – ao associarem-se a outros na mesma condição social, portadores da mesma ideologia e engajados nos mesmos fins, as suas acções, apesar de disfuncionais, podem ser entendidas como a necessidade de dizerem-se presentes, na medida em que, possuem um capital social negativo.

Um dos pontos basilares de qualquer associação juvenil é a sociabilidade e a convivialidade dentro do grupo. Observa-se que o conhecimento interpessoal prévio entre os membros constitui um dos factores determinantes para a adesão ao grupo, uma vez que, a entrada é limitada quase exclusivamente a conhecidos, mostrando a importância das redes sociais primárias neste processo. Existe no seio destes grupos laços de afinidades, notando-se investimentos relacionais intensos, onde as interacções quotidianas comunitárias são reapropriadas pelos jovens para criar identificações mútuas na esfera pública. Tal como nas associações formais, estes jovens já interiorizaram estes mecanismos, dado que, só se aproximam dos grupos onde há elementos que lhes são próximos ou aos quais se assemelham sob o ponto de vista sociológico.

Apesar de a amizade ser uma condição preponderante na adesão ao grupo, o facto de se fazer parte do circuito social – de conviver nos mesmos espaços – não é por si só garantia de entrada. É preciso antes um convite e para ser chamado a pertencer a grupos desse tipo, é necessário ter alguns *skills* e transmitir uma confiança ilimitada.

Segundo Biza (2000), os autores que trabalham o conceito associativismo defendem que na contemporaneidade, a aderência dos jovens às associações respeita um jogo de estratégias. Interessam-se por uma acção específica – por terem motivações específicas – num dado contexto temporal e espacial, esperando resultados concretos imediatos. A participação pode ser continuada ou não conforme os sentimentos psicológicos. O mesmo se observa nos grupos *thugs*, onde a adesão está relacionada com as experiências e as expectativas individuais. Associam-se por razões práticas ligadas às situações por eles enfrentadas no dia-a-dia. Tal como a entrada dos jovens nas associações formais, alguns jovens devido ao contexto de desafiliação em que estão inseridos, encaram a sua entrada nesses grupos como uma forma de solucionar os problemas das privações e de obter algum reconhecimento social. Reconhecem igualmente a importância dessa associação em potenciar e consolidar a autonomia individual.

Apesar de não estarem formalizados nem serem reconhecidos como associações juvenis por não terem um estatuto e em termos jurídicos estarem na esfera da informalidade, as suas práticas para além de militarizadas, podem ser vistas como constituindo uma associação por razões expostas acima. O código do grupo funciona como estatuto. Nota-se que muitos grupos reinventaram novos códigos, enquanto outros tentam seguir na íntegra o código *thug life* criado por Tupac. Dois aspectos sobressaem na sua organização, que quanto a nós consolidam-nos como associações juvenis: agir – quer contra indivíduos quer na invasão de um território – apenas com a autorização do chefe ou por decisão da maioria, e participar nas reuniões semanais em espaços centrais do bairro.

REFLEXÕES FINAIS

Constata-se que os grupos *thugs* são heterogéneos e que a base que os sustenta é a delinquência, a solidariedade, a convivialidade, a música e a pertença comunitária, transformando-os em tribos urbanas com características de associações juvenis.

São ao mesmo tempo vítimas e agentes da violência, na medida em que o poder político e social, ao posicionarem-se como os principais reprodutores e utilizadores da violência, não lhes dão outras alternativas a não ser responder de forma violenta.

A entrega total aos grupos de pares deve-se ao processo de desafiliação a que estão sujeitos numa sociedade desigual e injusta, onde a família e a comunidade alienadas ao capital económico fruto das novas relações sociais emergentes não os conseguem conter.

O contacto com os repatriados enriqueceram o seu imaginário, o consumo de modas norte-americanas via novas tecnologias e as histórias dos jovens viajados acerca de acontecimentos observados/vivenciados nos Estados Unidos da América o reforçaram. O estilo de vida escolhido influenciado por essas histórias é interiorizado pelos mais novos que aspiram vir a ser como eles e as lutas desterritorializam-se para dentro e nas imediações das escolas secundárias. Mais tarde regista-se esse fenómeno noutras regiões da ilha, outras ilhas e dentro da Cadeia de São Martinho.

A história mostra-nos que os jovens cabo-verdianos sempre se organizaram em grupos associados a actos delinquentes em conjunturas diferentes e a indicação é que a moda *thug* passe espontaneamente e seja substituída por outras formas de delinquência, tendo subjacente a luta entre os que têm tudo contra os que nada têm.

O caminho poderá ser uma maior cooperação política e social na luta contra a desigualdade social – entendida como a causa principal do fenómeno -, despida de qualquer preconceito partidário e bairrista, contra o estado de impunidade no seio da classe dominante, e a aposta em políticas públicas *down/top*, onde os jovens são tratados como portadores da agencialidade e não como um corpo social indisciplinado, irresponsável e perigoso, logo, a ter de ser controlado pelo sistema e sujeitos a endourinamentos.

A política de reurbanização que consiste no aquartelamento da classe dominante em bairros distintos (guetização) deve ser repensada, dado que se está, inconscientemente, a reproduzir e a consolidar o passado escravocrata e colonial – sobrado/funco -, incentivando novas formas de delinquência mais aprimoradas e violentas.

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, Lídice (2004), “Música, sociabilidade e identidades juvenis: o manguebit no Recife”, em José Machado Pais e Leila Maria Blass (coord.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades*, Lisboa, ICS, pp. 117-143
- Becker, Howard S., (1985), *Outsiders: Études de sociologie de la déviance*, Paris; Éditions A. M. Métailié
- Biza, Adriano Mateus (2009), « Jovens e associações em Moçambique: motivações e dinâmicas actuais », *Saúde e Sociedade*, nº 3, pp. 382-394
- Bourdieu, Pierre (2001), *Razões práticas: sobre a teoria da acção*, 2ª Edição, Oeiras, Celta
- Bourdieu, Pierre (2003), *Questões de sociologia*, Lisboa, Fim de século
- Bourgois, Philippe (2001), *En quête de respect: le crack à New York*, Paris, Seuil
- Capucha, Luís (1992), *Problemas da pobreza: conceitos, contextos e modos de vida*, Lisboa, ISCTE
- Castel, Robert (2006), “Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social”, em Casimiro Balsa, Lindomar Wessler Boneti e Marc-Henry Soulet (org.), *Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional*, Ijuí e Lisboa, Editora Unijui e CEOS, pp. 63-77
- Cusson, Maurice (2007), *Criminologia*, 2ª Edição, Cruz Quebrada, Casa das Letras
- Dayrell, Juarez (2003), “O jovem como sujeito social”, *Revista Brasileira de Educação*, nº 24, pp. 40-52
- Fernandes, Gabriel (2008), *Jovens em conflito com a lei*, Praia, Ministério da Justiça
- Ferreira, Pedro Moura (2000), “Infracção e censura – representações e percursos da sociologia do desvio”, *Análise Social*, nº 151-152, pp. 639-671
- Fillieule, Renaud (2001), *Sociologie de la délinquance*, Paris, Presses Universitaires de France
- Instituto Nacional de Estatística (2002), *Perfil de pobreza em Cabo Verde: inquérito às despesas e receitas familiares – 2001/2002*, Praia, INE
- Lopes de Oliveira, Maria Cláudia, Adriana Camilo e Cristina Assunção (2003), “Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças”, *Temas em Psicologia da SBP*, nº 1, pp. 61-75
- Mariano, Gabriel (1991), *Cultura caboverdeana: ensaios*, Lisboa, Vega
- Martins, Filipe (2009), “The Places of Youth in Urban Cape Verde”, em Fernando Cruz e Júlia Petrus Cruz (orgs.), *Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural (Actas do VI Congresso Internacional)*, Porto, AGIR – Associação para a investigação e desenvolvimento sócio-cultural
- Martins, Filipe (2010), “O paradoxo das oportunidades: jovens, relações geracionais e transformações sociais – notas sobre Cabo Verde”, *Working Paper CRIA 4*, Lisboa
- Merton, Robert K. (1970), “Estrutura social e anomia: revisão e ampliações”, em Ruth Nanda Anshen (org.), *A família: sua função e destino*, Lisboa, Editora Meridiano

- Ministério das Finanças e do Planeamento (2004), *Documento de estratégia de crescimento e de redução da pobreza*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Ministério das Finanças e do Planeamento (2004), *Política nacional de população de Cabo Verde – 2004/2005*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Ministério das Finanças e do Planeamento (2008), *Documento de estratégia de crescimento e de redução da pobreza*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Ministério das Finanças e do Planeamento (2004), *Objectivos do milénio para o desenvolvimento – relatório 2004 (Cabo Verde)*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Pais, José Machado (1996), *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa nacional – Casa da moeda
- Pais, José Machado (2005), *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, 2ª Edição, Porto, Ambar
- Portes, Alejandro (2000), “Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, Nº33, pp. 133-158
- Sebastião, João (1996), “Crianças de rua: marginalidade e sobrevivência”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 19, pp. 83-107
- Sebastião, João (1998), *Crianças de rua: modo de vida marginal na cidade de Lisboa*, Oeiras, Celta editora
- Varela, Aquilino (no prelo), “A violência em Cabo Verde: entre a fantasmagoria da história, a desterritorialização das tensões sociais e novos agenciamentos”, *apresentado no Colóquio Segurança e Violência em Cabo Verde*, Assomada, Universidade de Santiago
- Xiberras, Martine (1993), *As teorias da exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa, Instituto Piaget